

Julgando os Juízes

João 8.1–11

Introdução

Vamos dar início ao estudo de João capítulo 8 lendo os versos 1 e 2:

Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava.

Era bastante comum naquela época para os rabinos ou mestres sentarem-se para ensinar. Ao seu redor, a multidão se juntava. Apenas um rabino ou os discípulos de um rabino reconhecido poderiam expor as Escrituras ou falar sobre a Lei.

Talvez você se recorde que em João 7 os soldados vieram prender Jesus. Todavia, ao invés disso, eles voltaram dizendo aos seus chefes que nunca tinham ouvido ninguém ensinar daquela forma antes.

Como um carpinteiro iletrado conseguia controlar as massas? Da perspectiva do povo, podemos ter uma ideia a partir do Evangelho de Marcos capítulo 1, verso 22, que diz:

Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

Quando um rabino ou escriba ensinava, ele não ensinava com autoridade pessoal. Eles sempre começavam dizendo: “Existe um ensinamento que afirma...” ou “Está escrito que...”. Mas como Jesus ensina? “Vocês ouviram dizer... mas eu digo...!” ou “Em verdade, em verdade vos digo...”. Os escribas ensinavam *baseados nas* autoridades; Jesus ensinava *com* autoridade.

Não dá para entendermos plenamente o impacto desse fato. Deixe-me tentar ilustrar isso. Imagine que o seu pastor chegasse na igreja num determinado domingo e do púlpito dissesse: “Há anos eu tenho pregado o que a Bíblia diz. Mas, a partir de hoje, pregarei o que eu tenho para dizer.” Daí, ele coloca a Bíblia de lado. O que será que aconteceria?

É exatamente isso o que Jesus está dizendo, só que de forma mil vezes mais dramática. “Vocês têm seguido a Lei por milhares de anos; têm ouvido o que Moisés tinha a dizer, mas, agora, aqui está o que eu tenho a dizer.”

Agora, no capítulo 8, vemos uma brilhante estratégia de conspiração dos líderes religiosos. Eles usarão como armadilha o simples fato de Jesus ensinar com sua própria autoridade. Pule até o verso 5, onde eles desafiam Jesus:

E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?

Volte agora aos versos 3 e 4. Aí vem eles!

Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério.

Não há dúvida alguma de que essa suposta cena de adultério foi articulada ou inventada por esses homens; aquela mulher desconhecida, apesar de pecadora, foi usada como um peão pelos religiosos para colocarem um laço no pescoço de Jesus.

A grande questão é: “Onde está o homem com o qual estava adulterando?” A Lei exigia que tanto o homem como a mulher pagassem pelo adultério com suas vidas. Por que que eles não trouxeram o homem também? Alguns dizem que o homem escapou. Mas o texto dificilmente deixa espaço para isso. Veja o verso 4 novamente: ***Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério.***

A palavra ***apanhada*** significa “cercada, dominada, surpreendida.” Isso sugere que o casal adúltero foi separado e o tempo verbal ainda sugere que os mesmos homens que separaram a mulher do homem são estes que agora a arrastam até Jesus. Mas como eles deixaram o homem escapar? Eu imagino que eles propositalmente deixaram o homem fugir. Por quê? Porque esses líderes religiosos não estavam preocupados com a ética, mas queriam ter algo com o que acusar Jesus.

Minha tendência é crer que os religiosos já tinham combinado com o homem adúltero para capturarem a mulher no momento certo. Talvez já haviam descoberto o relacionamento ilícito e feito uma conspiração, quem sabe uma conspiração dizendo ao homem que, se ele entregasse a mulher, eles não contariam à sua esposa sobre o adultério.

Então, o homem foge, os religiosos prendem a mulher e a levam até Jesus.

A situação começa a se complicar nos versos 5 e 6:

E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo.

O dilema é o seguinte: o Sinédrio, que era o Superior Tribunal Federal de Israel, não tinha o direito de condenar pessoas à morte. Na verdade, a *Mishnah* dizia: “O Sinédrio será considerado um matadouro se condenar uma pessoa à morte a cada sete anos.” Um dos motivos por que pena de morte não era tão comum era por causa das restrições rigorosas, feitas pelos rabinos, com relação aos adúlteros. Deveria ser um caso encerrado com muitas testemunhas. Na verdade, os adúlteros teriam que ser, literalmente, pegos durante o ato. E aqui vemos exatamente esse caso! Foi muita coincidência.

Você consegue imaginar aquela mulher? Ela foi publicamente exposta, no meio da rua; esteve ali em pé, talvez nem totalmente vestida, diante do rosar hostil daqueles líderes religiosos. Muitas pessoas ao redor, cochichavam, olhando para ela com certa surpresa e horror, diante do santo mestre de Nazaré, o qual muitos criam ser o Messias.

Que ilustração perfeita do julgamento do Grande Trono Branco! Todos os que rejeitaram o Salvador estarão, um dia, diante dele—expostos, culpados e o caso do seu pecado encerrado. A diferença será que, naquele dia, não haverá perdão; hoje, ainda existe.

Veja o verso 7:

Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós

estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra.

Antes de descobrirmos as implicações da resposta de Jesus, creio que devemos tratar de um assunto muito importante. Eu já perdi a conta das vezes que ouvi pessoas se referirem a este episódio como uma desculpa para não disciplinar o pecado de um crente na igreja. Quantas vezes você já ouviu alguém dizendo: “Você não tem o direito de me julgar. Lembre-se: ‘Não julgueis para que não sejais julgados’”?

Quando É Certo Julgar?

Por isso, vamos responder a pergunta: “Quando é certo julgar?”

1. Primeiro, é correto julgar quando alguém abertamente se rebela contra as Escrituras.

Em 1 Coríntios capítulo 5, versos 1 a 3 e 5, Paulo escreveu:

Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade... E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja... entregue a Satanás para a destruição da carne...

Em um livro bastante vendido nos Estados Unidos, intitulado *Cuidando do Número 1*, o autor escreve:

Não se intimide com o conselho de outra pessoa sobre o que é o correto... cuidado, especialmente, com os moralistas; esqueça os

padrões morais que outros tentam enfiar goela abaixo.

Nossa geração resiste à responsabilidade moral! E o crente ou igreja que julga o pecado como pecado está buscando confusão.

Li certa vez sobre uma igreja que votou a favor da exclusão de um membro—uma mulher que vivia em imoralidade. Ela processou a igreja, dizendo que a igreja não tinha nenhum direito de julgá-la; e ela ganhou o caso.

A disparidade entre a igreja e a cultura é cada vez maior e a possibilidade de perseguição está cada vez mais próxima.

2. Segundo, é correto julgar quando alguém nega abertamente as doutrinas das Escrituras.

Nossa cultura e grande parte da igreja estão resistindo, cada vez mais, à ideia de absolutos doutrinários e teológicos. “Eles são muito preto e branco, causam muita divisão!” Substituímos a palavra “pecado” por “problema.” A mensagem popular hoje é: “Vamos deixar de lado nossas diferenças teológicas e viver juntos em amor.”

Ouçá as palavras de Paulo em Romanos 16, verso 17:

Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles,

Ouçá João, em 2 João, versos 10 e 11:

Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más.

Isso não soa muito amoroso, não é verdade? Fico me perguntando se João seria popular hoje àqueles que dizem: “Deixemos a doutrina de lado para promovermos unidade.”

Paulo escreveu em Gálatas 1, verso 8:

Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema [ou maldito].

Portanto:

- O ministro que prega que Jesus Cristo não ressuscitou dos mortos—seja maldito;
- Aquele que nega a eficácia da expiação de Cristo—seja maldito;
- Aquele que nega a inspiração das Escrituras—seja maldito;
- Aquele que prega salvação pela graça *mais* obras, batismo, isso e aquilo outro—seja maldito.

Não me parece que Paulo está chamando para um diálogo aberto e amoroso. Paulo não me parece ser ecumênico. Não! Ele chama para divisão com base nas doutrinas.

Assim, enquanto grande parte das igrejas deixa de lado as verdades absolutas das Escrituras, por quaisquer que sejam as razões, o mundo, como nunca antes, anda às apalpadelas em busca da verdade absoluta.

3. Terceiro, é correto julgar quando analisamos nosso andar com Deus.

1 Coríntios capítulo 11 registra a ideia de julgamento pelo menos cinco vezes em três versos sobre a atitude do crente ao tomar a Ceia.

Mais uma vez, nossa cultura apaga a noção de autoavaliação na vida do crente. “É muito

deprimente, temos que nos focalizar no poder do pensamento positivo.” Porém, busca por santidade gerará convicção e necessidade de confissão de pecados.

4. Finalmente, é correto julgar quando analisamos o mundo à luz das Escrituras.

Ouçã 1 Coríntios 2, verso 15: **Porém o homem espiritual julga todas as coisas.** Paulo fala sobre o que nesta passagem? A Bíblia Expandida diz: “Mas o homem espiritual julga todas as coisas, isto é, ele examina, investiga, indaga, questiona e discerne todas as coisas.” Ele não critica tudo, mas pensa com um mente crítica.

Eu estava outro dia na fila de um supermercado (um daqueles momentos que minha esposa confiou em mim para comprar a marca certa, as eu sempre acabo comprando a marca errada e ainda compro uns chocolates para mim). Estava na fila ao lado de uma banca de revistas e um dos títulos chamou minha atenção. Ele dizia:

Você acredita em milagres? Se sim, não está sozinho. Sejam visões da Virgem Maria na Iugoslávia ou aparições do rosto de Cristo na Geórgia, sinais da presença divina têm tocado milhões.

Eu comprei a revista e fiquei pasmo com as mentiras nas quais as pessoas estavam acreditando. Por quê? Porque não julgam as coisas à luz das Escrituras. Eu li, por exemplo, sobre:

- gurus muçulmanos que dizem poder realizar curas místicas;
- um grupo de pessoas que dizem poder captar imagem da Virgem Maria com uma Polaróide;
- uma seita judaica em Nova Iorque que acredita que migalhas de comida da mesa de

seu rabino podem curar doenças e assegurar felicidade no casamento; os membros dessa seita brigam por essas migalhas.

Meus amigos, vivemos numa era em que discernimento espiritual é muito importante. A igreja precisa ter a capacidade de julgar experiências, tendências e crenças à luz do ensino das Escrituras.

O autor de Hebreus, no capítulo 5, verso 14, convocou a igreja para um nível de maturidade no qual os crentes, *pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.*

Penso em William Tyndale que, em 1526, julgou como errado o pensamento religioso corrente, o qual declarava que a Bíblia deveria ser possuída e lida apenas pelos padres. Ele foi e traduziu a Bíblia para o inglês, pagando com sua própria vida.

Eu tive um professor no seminário que dizia: “Em cada geração, a comunidade cristã errou em alguma coisa. Você sabe no que ela tem errado hoje?”

Agora, não estou propondo que sejamos hipercríticos a respeito de tudo. Na verdade, uma pessoa hipercrítica acaba sendo, no fundo, uma pessoa hipócrita. Não estou dizendo que devemos criticar tudo; mas devemos pensar em tudo de maneira crítica.

Existem momentos quando julgar é correto. A questão é: “O que você está julgando hoje? Você tem procurado discernimento ou aceita tudo inocentemente?”

Quando É Errado Julgar?

Por outro lado, existem momento quando julgar é errado. Então, quando julgar se torna errado?

1. Primeiro, é errado julgar quando o julgamento ocorre antes de você se informar de todos os fatos.

João 7, verso 51, diz:

Acaso, a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?

2. Segundo, é errado julgar quando o julgamento condena convicções pessoais do outro.

Isso vai em duas direções: aqueles que, por serem legalistas, condenam outros por permitirem determinadas coisas, e aqueles que esnobam de outros que vivem uma vida mais estrita. É muito difícil aprendermos o fato de que Deus também abençoa pessoas das quais discordo.

3. Terceiro, julgar é errado quando o julgamento ataca os motivos da outra pessoa.

1 Coríntios 4, verso 5, diz:

Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

Temos que tomar cuidado para não gerarmos dúvidas nas outras pessoas. Os rabinos ensinavam o que criam ser as seis melhores obras que uma pessoa poderia fazer:

- estudar as Escrituras;
- visitar o doente;
- ser bondoso para com o estrangeiro;
- orar;
- ensinar as Escrituras às crianças; e
- pensar o melhor das outras pessoas.

4. Finalmente, julgar é errado quando o julgamento se torna uma demonstração de justiça própria.

Jesus disse em Mateus 7, verso 1: ***Não julgueis para que não sejais julgados.*** Agora, Jesus não fala do discernimento espiritual recomendado em muitas partes das Escrituras. Ele se referindo ao julgamento típico feito pelos líderes religiosos da época. Era rigoroso, pietista e crítico que expunha o pecado sem apresentar nenhuma solução.

Mateus 7, verso 2, diz: ***Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados.*** Em outras palavras, um julgamento condenatório e cheio de justiça pessoal constrói sua própria força.

Na Pérsia antiga, um juiz corrupto frequentemente aceitava suborno para dar um veredito falso. Finalmente, o rei persa Cambises descobriu a prática corrupta e mandou enforcar o juiz. Em seguida, mandou que tirassem a pele do juiz e que sua pele fosse tratada como pele de vaca e transformada em couro. A poltrona do juiz da alta corte foi, então, coberta com essa pele do juiz corrupto, de forma que os juízes subsequentes que se assentavam naquela cadeira eram lembrados, todo dia, das consequências de uma justiça pervertida.

É muito perigoso para um pecador se assentar numa cadeira que apenas Deus pode ocupar sem pecado algum. Esses homens estavam brincando de Deus. E agora, na primeira parte de João capítulo 8, Jesus está prestes a arrancar a pele deles. Veja o verso 8: ***E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão.***

Ele já escreveu duas vezes. Warren Wiesbe sugere que isso serviu de lembrança das duas pedras da Lei que Deus escreveu com seu próprio dedo. Alguns dizem que Jesus estava escrevendo no chão

porque ficou envergonhado. Alguns dizem que ele se abaixou porque não sabia o que dizer.

Interessante é que este é o único momento no Novo Testamento quando Jesus escreve alguma coisa. A palavra comum para “escrever” é *grapho*, mas, nas duas ocorrências neste capítulo, a palavra utilizada é *katagrapho*, que significa “escrever um registro contra.” A mesma palavra aparece em Jó, 13, verso 26: ***Pois decretas (katagrapho) contra mim coisas amargas.***

Eu creio que o que está ocorrendo neste tribunal informal é que esses homens estão ouvindo o barulho da escrita de Jesus. E o que ele escreve? Eu creio que ele escreve uma lista de acusações contra aqueles homens, os pecados que escondem nas trevas de suas vidas privadas. Jesus está prestes a julgar os juízes! Ele os viu na escuridão, observou seus pecados e os conhece muito bem!

Peter Marshal escreveu:

Jesus Cristo vê dentro de cada coração e enquanto aquele dedo escreve no chão: idólatra, mentiroso, beberrão, assassino e adúltero, podemos ouvir o barulho das pedras caindo ao chão, uma após outra. Um a um, eles saem, retirando-se covardemente para as sombras, misturando-se nas ruas aglomeradas, perdendo-se de vista no meio da multidão.

Será que esses homens pensaram que podiam enganar a Deus? O problema é que eles não sabiam que estavam diante do próprio Deus, apesar de Jesus já ter declarado quem ele era.

Lembro-me de uma professora que tive na quinta série. Eu geralmente me comportava bem e era um bom aluno, mas, de vez em quando, como nessa ocasião, me comportava mal. Ela me mandou para casa com um bilhete descrevendo o que eu tinha feito de errado. Meus pais deveriam ler e assinar o

bilhete. Percebi que estava com um sério problema! Então, resolvi forjar a assinatura de meus pais. Ninguém saberia. Usei toda a minha estratégia ortográfica para imitar a assinatura de meus pais. Quando terminei, vi que não tinha nada a ver com a assinatura de meu pai. Daí, peguei um papel-toalha e borrei a tinta da caneta na assinatura. Quase não dava para ler. Na escola, disse para a minha professora que o bilhete tinha caído na pia. Só não lhe disse que eu era um pecadorzinho muito esperto! Obviamente, eu fui pego, e toda a tortura e castigo foram derramados sobre minha pobre alma.

Isso me lembra de um aluno do ensino fundamental chamado Tommy. Numa manhã de aula, ele ligou para a escola e o diretor atendeu o telefone. Tommy baixou o tom de voz ao máximo e disse: “Thomas Bradley não irá à escola hoje.” O diretor, suspeitando de algo errado, perguntou: “Quem está falando?” Depois de uma pausa demorada, Tommy respondeu: “Aqui é o meu pai falando!”

Existe algo mais tolo do que isso. Os escribas e os fariseus diante do Deus onisciente, pensando que eles mesmos estavam livres de pecado, pensando que podiam forjar uma assinatura de pureza e santidade, pensando que podiam brincar de juiz, júri e algoz!

Veja o verso 9:

Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava.

Veja o que Jesus faz nos versos 10 e 11:

Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor!

Imagine essa cena. O templo silenciou com a ausência dos acusadores. Somente Jesus tinha o direito de atirar a primeira pedra. Então, na quietude daquele momento, está uma mulher meio descabelada, ombros relaxados e olhos talvez ainda cheios de temor. Ele olhou para ela e ela olhou para ele e ao redor havia apenas o silêncio de um templo deserto. E o verso 11b diz: ***Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.***

Pontos a Considerar

Existem dois pontos bem importantes que merecem consideração aqui.

1. Primeiro, Jesus Cristo não ignorou o pecado dela, mas morrerá por seu pecado.

Os juízes humanos queriam uma coisa: condená-la e com prazer. Mas isso é inconsistente com a sua posição. Eles deveriam restaurar os pecadores.

James Dobson registrou o que viu, certa vez, escrito num convento no sul da Califórnia. Foi uma frase que dizia o seguinte: “Não ultrapasse. Violadores Serão Tratados Segundo Todos os Parâmetros da Lei.” Assinado: “As Irmãs da Misericórdia.”

Jesus, o reto juiz, queria perdoar; então, ele perdoou. Enquanto perdoava, sabia que esse era apenas um dos muitos pecados pelos quais morreria na cruz, pagando a sua penalidade. Ele, portanto, pode oferecer uma segunda chance a essa mulher.

2. O segundo ponto importante é que Jesus Cristo não somente perdoará o passado dessa mulher, mas também desafiará o seu futuro.

Ele confrontou a vida dela. Ele nunca disse: “Tudo bem. Não se preocupe. Continue como você está!” Não, ele disse: “Está tudo errado. Vai e, se eu

de fato sou o Senhor, pare de viver uma vida adúltera!” Não se trata aqui de um perdão fácil. Jesus confrontou a mulher com uma escolha naquele momento: voltar a viver sua velha vida ou viver como uma mulher perdoada com uma nova vida.

Ray Stedman conta uma história de que certa vez estava sentado no ônibus ao lado de um rapaz que acabara de receber a Cristo. O Pastor Stedman conversou com ele, explicando-lhe o que sua nova vida significava e mencionando que agora poderia viver livre de todo medo da morte. O rapaz se virou para o pastor, olhou dentro de seus olhos e disse: “Nunca tive medo da morte. Mas vou dizer a você o que realmente temo agora. Temo que irei desperdiçar minha vida!” Jesus disse à mulher: “Vai e pare de desperdiçar sua vida!”

Jesus Cristo sempre está intensamente interessado não somente no que a pessoa foi, mas no que ela pode se tornar. Neste momento, você tem um passado, mas, com Cristo, você tem um futuro.

Existe um poema bem antigo que diz:

*Como eu queria que existisse um lugar
maravilhoso Chamado de “A Terra do Começar
de Novo,”*

*Onde todo nosso pecado e dor de cabeça
poderiam ser tirados como um casaco velho à
porta, sem nunca ser colocado de novo!*

Existe um lugar como esse; ele se chama “Calvário.” Ali, todo o peso do seu pecado pode ser tirado como um casaco velho e pesado. É o lugar onde Cristo Jesus perdoará o seu passado e desafiará o seu futuro.

A Bíblia não nos diz o que aconteceu depois com essa mulher. É uma história incompleta, assim como a sua. O que você deixará Jesus fazer com seu passado? O que você deixará Jesus fazer com o seu futuro?

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 06/03/1994

© Copyright 1994 Stephen Davey

Todos os direitos reservados